

**JOSÉ RODRIGUES
DOS SANTOS**

**O SEGREDO
de
ESPINOSA**

 Planeta

À Isabella

Não ridicularizar, não deplorar, não detestar,
mas compreender.

BENTO DE ESPINOSA

Inspirado em acontecimentos verídicos.

Prólogo

Os olhos castanho-escuros brilhantes do menino de oito anos estavam colados ao pano de seda vermelha e dourada que no *hechal*, o santuário da arca feito de madeira com duas portinholas, cobria os pergaminhos onde se inscrevia a Tora. Era como se HaShem, Ele próprio, o Nome, Deus bendito, onnipotente e omnipresente, Shaddai Todo-Poderoso, Adonai, Elohim ou qualquer outro dos Seus mil nomes, ali estivesse à espera que O destapassem para que sobre todos lançasse o Seu olhar carregado de infinito. Misericórdia, justiça, fúria, compaixão, majestade, poder, amor, vida e morte. Ele era tudo o que havia. Tudo. O incomensurável.

O rebuliço próprio da sinagoga, entre os *yehidim* conhecida por “esnoga”, denunciava uma descontração feita de conversas cruzadas e gargalhadas frequentes. Os corretores trocavam informações úteis para a sua atividade na bolsa, os comerciantes discutiam quando chegariam os últimos carregamentos de pau-brasil do Recife e de sal de Setúbal, e se haveria problemas com os espanhóis. Outros membros da congregação comentavam o descaramento dos *tudescos* em quererem vender nos seus talhos comida *kosher* aos portugueses, enquanto um punhado se ria com uma piada fresca que acabara de chegar de Lisboa ou de Sevilha. Os homens tinham panos brancos nos chapéus a cair-lhes sobre os ombros, os *tallitot*, e todos se sentavam nos seus lugares previamente marcados. Não havia nenhum que não tivesse nas mãos um Tanach, a Bíblia judaica; algumas em hebraico, a maioria em português.

O olhar do pequeno Bento desviou-se para a galeria onde se encontravam as mulheres, as cabeças cobertas por véus, muitas acompanhadas pelas filhas. Até dois anos antes tinha visto a mãe sempre ali sentada, silenciosa e atenta, a tossir ocasionalmente, mas justamente por causa dessa maldita tosse Ana Débora já não estava neste mundo. Em vez dela, viu duas meninas da sua idade sorrirem-lhe. Endireitou-se logo. Diziam-lhe por vezes que era um rapazinho de feições bonitas, o que pelos vistos atraía tantos sorrisos e olhares das meninas, mas, tímido como era, não sabia como lidar com tais atenções.

O burburinho parou bruscamente. De tão inusitado, o silêncio súbito arrancou Bento das suas deambulações pela esnoga. Os rostos de todos os congregantes voltaram-se em vagas sucessivas para a porta da rua e o menino, sentado na nave com a família, imitou-os.

Contra a luz pálida do Sol que jorrava sobre a entrada recortava-se o vulto de um homem de cabelos grisalhos revoltos, os ombros descaídos, imóvel e de cabeça baixa; dir-se-ia que tinha medo de entrar. Os olhares dos *yehidim* mantinham-se presos no recém-chegado, sem o convidarem mas também sem o rejeitarem; estavam simplesmente na expectativa de ver o que ele faria. Atrever-se-ia a avançar ou daria meia-volta e escapulir-se-ia?

Sentindo a súbita tensão que se instalara no santuário, Bento virou-se para o lado.

“Quem é?”

Os seus dois irmãos, Isaac um ano mais velho e Gabriel dois anos mais novo, encolheram os ombros com indiferença.

“Sei lá.”

Olhou para o adulto que os acompanhava.

“Quem é aquele senhor, pai?”

“É o Uriel da Costa.”

“Porque está toda a gente a olhar para ele?”

Impacientando-se, o pai colou o indicador aos lábios.

“Chiu!”

O pequeno calou-se e voltou a olhar para o recém-chegado. Ainda plantado no meio da entrada, Uriel da Costa respirou fundo, como se

ganhasse coragem para fazer o que viera ali fazer. Recomeçou a caminhar, o corpo curvado pela derrota, os olhos intimidados no chão, internando-se na sinagoga pelo corredor central ladeado de congregantes que o observavam fixamente.

Chegou diante da *bimah*, a plataforma de madeira situada no centro do santuário onde habitualmente se faziam as leituras. Após uma nova hesitação, subiu-a com passos lentos e pesados, como um condenado a encaminhar-se para o cadafalso. A *bimah* estava deserta e os olhos de todos os *yehidim* encontravam-se centrados nele como se fosse o *chacham* de serviço. Voltando-se para a multidão, Uriel retirou do interior do casaco o papel que o *chacham* Saul Levi Morteira, o rabino chefe, havia previamente redigido com as palavras adequadas para a ocasião. Desdobrou-o. As mãos tiritavam de nervosismo e o papel tremelicava sem cessar. Engoliu em seco ao pousar os olhos nas primeiras linhas do texto. Afinou a garganta.

“Eu, Gabriel da Costa, filho de Bento e Sara da Costa, nascido no Porto e diplomado em lei canónica pela Universidade de Coimbra, regressado à verdadeira fé em 1612 aqui na comunidade portuguesa de Amesterdão, onde os judeus vivem sem medo de serem judeus, tendo há sete anos sido excomungado uma segunda vez por meus pecados, venho diante de vós fazer a minha confissão”, disse numa voz fraca e trémula. “Os pecados que cometi tornaram-me merecedor de morrer de mil mortes, pois propaguei blasfémias que ofendem HaShem, bendito seja o Seu nome, violei o *shabat*, não mantive a fé verdadeira e cheguei ao ponto de dissuadir outros que seguem a fé errada de se tornarem judeus. Consinto em obedecer à ordem que me foi dada e comprometo-me a cumprir todas as obrigações que me forem impostas e sujeitar-me de livre vontade às punições que me queiram aplicar. Prometo solenemente não regressar doravante aos caminhos ínvios, evitar a torpeza e o crime em que caí, e trilhar apenas o percurso da verdadeira fé.”

Um silêncio absoluto acolheu esta declaração. Sempre com as mãos a tremer, Uriel dobrou a folha que acabara de ler e devolveu-a ao bolso interior do casaco. Desceu da *bimah* e foi interpelado pelo *chacham* Morteira. O rabino segredou-lhe qualquer coisa impercetível ao ouvido

e apontou para uma esquina da sinagoga. Com um movimento de assentimento, Uriel encaminhou-se pesadamente para aí.

“O que foi, pai?”, perguntou o pequeno Bento, ainda sem perceber o que se passava. “O que fez ele?”

“Pecou”, foi a resposta. “Por vontade de Deus, há muitos anos foi-lhe declarado um *cherem*.”

O menino arregalou os olhos. Um *cherem*? O homem que subira à *bimah* havia sido excomungado? E, mais extraordinário, o *cherem* durava havia muitos anos?

“Porquê? Qual foi o pecado dele?”

“Desafiou o Senhor.”

A resposta não foi inteiramente satisfatória. Bento era ainda uma criança, mas já frequentava a escola Talmud Tora, aprendera a ler e sabia bem que os *cherem* eram punições relativamente rotineiras na Nação, a comunidade portuguesa de Amesterdão, aplicadas pelas mais variadas causas pelos senhores do *ma'amad*, o conselho que governava a comunidade. Bastava, por exemplo, um membro da Nação discutir assuntos religiosos com um gentio ou comprar carne a um talhante *tudesco* ou insultar um membro da comunidade portuguesa para que lhe fosse imposto um *cherem*. O próprio *chacham* Menashé ben Israel, um dos principais rabinos da Nação, havia sido excomungado pelo seu envolvimento num qualquer assunto de taxas. A excomunicação de um *yehud* só tinha normalmente a duração de um dia, como acontecera com Ben Israel, ou então de uma semana ou de um mês. Mas... anos e anos?

“Que pecados cometeu ele, pai?”

“Coisas graves, Bentinho. Ofendeu Deus bendito.”

O pequeno encolheu-se no seu lugar, aterrorizado por estar na sinagoga com alguém que cometera um crime tão hediondo e quase com medo de que os pecados fossem tão contagiosos como as pestes que periodicamente assolavam o país. Voltou a observar o homem que se recolhera a uma esquina do edifício. Que tipo de pessoa seria capaz de ofender Shaddai, o Todo-Poderoso?

“Que... que ofensas foram essas?”

“Chiu! Deixa ver!”

Por essa altura, Uriel estava a tirar o casaco e depois a camisa, ficando em tronco nu. Bento trocou com os irmãos um olhar de perplexidade. Um homem de tronco nu? Em plena sinagoga? O que se estaria ali a passar? A um sinal de um guarda do santuário, Uriel abraçou uma coluna. O guarda aproximou-se dele com uma corda e amarrou-lhe as mãos, prendendo-o à coluna.

A congregação seguia os acontecimentos de respiração suspensa, como se estivesse hipnotizada. Sabendo que dos irmãos não viria informação nenhuma, Bento voltou a procurar o pai.

“O que vão fazer?”

O pai não respondeu, nem foi preciso, pois em breve os acontecimentos o esclareceram. O *chazan*, ou cantor da sinagoga, aproximou-se de Uriel com uma corda escura e, como se a exercitasse, sacudiu-a no ar com um estalido seco. Um curto “oh!” ergueu-se da congregação e Bento percebeu que não se tratava afinal de uma corda. Era um chicote. O *chazan* ergueu o chicote e, pondo-se a recitar um salmo, desferiu em Uriel o primeiro golpe.

“Ó Senhor, nosso Deus, como é grande o Vosso nome em toda a Terra!”, declamou em português. “Sobre os próprios céus se eleva a Vossa majestade. Na boca das...”

Depois veio um segundo golpe, a seguir um terceiro, um quarto, um quinto...

Um burburinho foi-se erguendo da congregação a cada chicotada e Bento, estarecido, colou a mão sobre a boca. Que ofensas a Deus havia aquele homem cometido para merecer tamanho castigo? Olhou em redor. Todos os *yehidim* na sinagoga seguiam com atenção o que se estava a passar na coluna da esquina, uns com o sorriso austero de quem via a justiça divina ser aplicada naquele ato, outros com a dor própria de quem se compadecia com o sofrimento de outrem. Ainda pensou em insistir junto do pai com mais perguntas sobre o que se estava a passar e porquê, mas percebeu que não era o momento e conteve-se.

“Miguel”, murmurou alguém na fila de trás, dirigindo-se ao pai de Bento. “Vocês, os Espinosas, não estão ligados aos Costas?”

Bento olhou e viu que a pergunta fora formulada por José dos Rios, um português que no contacto com os neerlandeses se apresentava como Michel van de Rivieren, expressão neerlandesa para “dos rios”.

“Não sou eu, é a família da minha falecida mulher, que Deus a tenha à Sua guarda”, sussurrou Miguel de volta. “Nós, os Espinosas, somos da Vidigueira, lá no Alentejo. Era a família da minha falecida Ana que, quando vivia no Porto, se dava com os Costas. Nem sei se estariam relacionados desde os tempos em Ponte de Lima, onde...”

“Chiu!”, sopraram vários congregantes, perturbados com a conversa num momento tão tenso como aquele. “Silêncio!”

O burburinho da congregação apagou-se. Só se ouviam na sinagoga os zumbidos do chicote a cortar o ar na esquina do edifício, os estalidos dos golpes nas costas da vítima, os seus gemidos abafados e a declamação dos salmos pelo *chazan*. Amarrado à coluna, Uriel da Costa chiava a cada vergastada, os olhos cerrados, a pele riscada por marcas vermelhas que se traçavam a cada chicotada.

Ao trigésimo nono golpe, o *chazan* baixou o chicote, dando a punição por concluída, e o guarda da sinagoga desamarrou a vítima. Combalido, Uriel sentou-se no chão para se restabelecer. O *chacham* Morteira, na sua qualidade de rabino chefe da comunidade, abeirou-se dele e fez um gesto com a mão.

“Com este ato fica anulado o *cherem* sobre ti proclamado”, declarou com solenidade em voz alta, para que todos o ouvissem. E repetiu. “Com este ato fica anulado o *cherem* sobre ti proclamado. Com este ato fica anulado o *cherem* sobre ti proclamado.” A afirmação feita três vezes era necessária para que a anulação do *cherem* fosse efetiva. “E agora, para que a comunidade te perdoe, a ela tens ainda de te submeter nos termos que já te foram explicados. Vai com o Senhor, irmão, e não peques mais.”

A custo, dorido e queixoso, Uriel levantou-se e, com a ajuda do guarda, vestiu a camisa e o casaco. A seguir encaminhou-se devagar para a entrada da sinagoga, sempre acompanhado pelo guarda. Ao chegar à porta, deitou-se sobre um degrau. Segurando-lhe a cabeça, o guarda

fez sinal à congregação e os *yehidim* começaram a afluir ao corredor central e a encaminhar-se para a saída.

O primeiro fiel que chegou à porta hesitou, como se pedisse permissão. O guarda assentiu e o *yehud* pôs o pé sobre as nádegas de Uriel, pisou-as e saiu. O que veio atrás fez o mesmo e os restantes também. Homens, mulheres, idosos e crianças. Todos pisavam o rabo de Uriel como se fosse o degrau e era assim que saíam para a rua.

A cena arrancou uma gargalhada do pequeno Gabriel, tinha apenas seis anos, mas Bento deu-lhe uma cotovelada para o calar. A seguir procurou mais uma vez o pai com o olhar.

“Nós... nós também temos de o pisar?”

O pai anuiu.

“Toda a comunidade tem de o fazer”, disse. “É o castigo por ter ofendido Deus bendito.”

Os *yehidim* enchiam o corredor central e, devagar, passo a passo, encaminhavam-se em fila para a porta. A família Espinosa foi ficando para trás, não havia pressa em pisar o desgraçado deitado sobre o degrau, mas, por mais demorada que fosse, a sua vez acabou por chegar. Bento viu o pai, à frente, calcar Uriel e sair. Depois os seus irmãos, o pequeno Gabriel e Isaac, até que ficou ele diante de Uriel. O castigado permanecia deitado sobre o degrau de barriga para baixo, o guarda sempre a apoiar-lhe a cabeça. Bento levantou o pé, assentou-o sobre o rabo sujo de tantas pisadelas e saiu da sinagoga.

Fazia um frio húmido na rua, como tantas vezes acontecia em Amesterdão. Para além dos fiéis portugueses que ali se deixaram ficar, viam-se pedintes *tudescos* de vestes esfarrapadas e ar imundo; nos últimos tempos havia cada vez mais destes judeus pobres a chegarem dos estados germânicos e da Polónia, todos a mendigarem esmola, o que embaraçava os portugueses. O que iriam os neerlandeses pensar dos judeus ao ver tais vagabundos?

Os últimos *yehidim* pisaram o arrependido e, quando já não havia mais ninguém para sair da sinagoga, o guarda fez um sinal e, com um gemido, Uriel levantou-se a custo. Estava todo sujo. As pessoas em redor ajudaram-no a limpar-se, sacudindo-lhe a roupa e esfregando-lhe

a pele para lhe arrancar a sujidade. Por fim, quando tudo terminara e nada mais havia a fazer, todos, incluindo os Espinosas, voltaram as costas e encaminharam-se para suas casas.

A caminho da ponte sobre o Houtgracht, Bento ainda se virou para trás e viu Uriel da Costa, combalido, arrastar-se pela rua aos tropeções, um miserável que cambaleava como um ébrio até desaparecer para lá de uma esquina, e interrogou-se sobre os motivos pelos quais aquela estranha e terrível cena decorrera.

PARTE UM

NAÇÃO

“O verdadeiro objetivo da governação
é a liberdade.”

ESPINOSA

I

Um barco carregado de lenha deslizava suavemente pelo Houtgracht, o canal de Amsterdão para o qual dava a janela da casa alugada pelo muito respeitado senhor Miguel de Espinosa na bela marginal, mas a visão era demasiado banal para suscitar o interesse dos filhos. Fazia frio, pois dezembro já começara. A mais velha, Miriam, uma rapariga magra de onze anos, estava encolhida à mesa com a pequena Rebecca ao colo, pois a irmã mais nova tinha apenas cinco anos, enquanto Isaac e Gabriel faziam caretas um ao outro. Alheio aos irmãos, Bento ocupava a mente ainda a tentar perceber a chocante cena a que assistira na sinagoga.

“Estou com larica”, protestou Rebecca, chorosa. “Quando é que vem a paparoca?”

“Tem calma, o pai foi à dona Rute buscar o almoço”, acalmou-a a irmã mais velha. “Ela ia fazer umas daquelas alheiras à moda de Mirandela que...”

A porta da rua escancarou-se nesse momento com brusquidão, fazendo-os darem um salto de susto. Olharam para a entrada e viram o pai irromper pela casa com uma cesta por baixo de um braço e uma garrafa de vinho erguida na outra mão como se fosse um troféu.

“Viva Portugal!”

A cena deixou as crianças estupefactas. O pai, judeu respeitoso e cumpridor dos seus deveres, não era homem de se meter nos copos. Aqueles vivas à velha pátria pareciam-lhes despropositados. Que bicho o teria mordido?

“Tenho fome!”, atirou Rebecca. “Quero comer!”

Com entusiasmo esfuziante, Miguel precipitou-se para a mesa das refeições, pousou a cesta e foi à estante buscar um copo, que encheu de vinho.

“Hoje é dia de festa, meninos!”, exclamou, erguendo o copo bem alto. “A nossa pátria livrou-se finalmente dos espanhóis! Viva a liberdade! Viva Portugal!”

Deitou o copo à boca e engoliu todo o conteúdo de uma vez só. Os filhos não percebiam o que se passava, aquele comportamento não era normal, mas nenhum ficou mais intrigado do que Bento.

“O que aconteceu, pai? Porque está assim? O que se passou em Portugal?”

Miguel pousou o copo sobre a mesa e limpou os beiços com as costas da mão.

“Chegou agora de Lisboa um navio com a grande notícia”, disse. “Acabou-se a submissão a Espanha. Demos um grande pontapé no Filipe IV e pusemos os espanhóis no olho da rua. Este ano de 1640 vai ficar nos anais da glória! O nosso país, o nosso grande país, é livre outra vez. Livre! Portugal renasceu! Viva Portugal!”

O pai pôs-se a dançar aos saltos no meio da sala e os filhos imitaram-no, juntando-se à festa, embora sem a compreenderem verdadeiramente. Bento foi o único que permaneceu quieto no seu lugar. Não se podia dizer que partilhasse o entusiasmo do pai. Tal como muitos *yehidim* da comunidade em Amesterdão, Miguel era um patriota português e não admitia que ninguém falasse mal do seu país. O tema era de tal modo importante na comunidade que quem se atrevesse a criticar em público os representantes de Portugal estava sujeito a *cherem*, embora as críticas aos representantes da Espanha fossem perfeitamente admissíveis. Não era aliás por acaso que a comunidade do Houtgracht se designava a si mesma como *a Nação*, jamais *la Nación*, e que na própria sinagoga toda a comunicação que não fosse litúrgica decorria em português.

“Pusemos os espanhóis no olho da rua!”, repetiu um radiante Miguel, engolindo mais um trago de vinho. “Agora a música vai ser outra! Ai vai...”

A Bento aquilo parecia absurdo, considerando que simpatizava com os espanhóis, até porque alguns dos seus amigos na sinagoga eram espanhóis, mas considerando sobretudo a forma como a velha pátria de quem tantos judeus de Amesterdão falavam com tão sentida nostalgia os tratara, queimando muitos na fogueira só pelo crime de acreditarem na Lei de Moisés. Notícias terríveis dessas continuavam, aliás, a chegar constantemente de Lisboa, do Porto, de Évora. Como era possível que o pai e tantos outros na Nação continuassem a considerar-se grandes patriotas portugueses?

Entre os *yehidim*, contudo, a maioria não via contradição nenhuma entre o amor a Portugal e o ódio ao catolicismo. Uma coisa era a pátria, que amavam incondicionalmente e pela qual suspiravam amiúde, outra completamente diferente a maldita Inquisição que os forçara a abandonar a sua terra adorada. No caso do pai, o patriotismo português exacerbado misturava-se com um acentuado zelo ortodoxo judaico, o que ao filho se afigurava ainda mais estranho, se não mesmo trágico.

“Temos de ajudar a pátria”, acrescentou o pai, tão excitado que não se conseguia calar, embora talvez falasse mais para si mesmo do que para os filhos. “Os Nunes da Costa já estão a dizer que vão enviar um barco de guerra e munições para auxiliar a nossa gente. Sim, porque os espanhóis não se vão ficar. A hora é de perigo. Temos de socorrer o nosso país!”

Todas as conversas em casa decorriam em português, a língua materna da família Espinosa. Na verdade, essa era a língua natural da comunidade dos marranos de Amesterdão, conhecida pelos neerlandeses como os “portugueses”, embora alguns deles, uma minoria, tivessem origem espanhola. A verdade é que a generalidade dos membros mais velhos da comunidade nem sequer se dera ao trabalho de aprender neerlandês, apesar de ali viver havia tanto tempo. Bento e os irmãos estavam familiarizados com a língua local, claro, uma vez que nasceram em Amesterdão e os seus contactos com a população nativa, não sendo muitos, eram suficientes para conseguirem falar neerlandês, embora naturalmente sem o à-vontade com que dominavam a língua materna, o português.

Miguel, todavia, e a exemplo dos homens da sua geração, resistia teimosamente ao neerlandês. Acusava os habitantes de Amesterdão de rosnarem em vez de falarem e queixava-se a toda a hora daquela incompreensível “língua de cafres”; para ele estava absolutamente fora de questão aprendê-la.

“Tenho larica!”, voltou a protestar Rebecca, cansada da dança e de olhos postos no prato vazio. “A paparoca?”

Regressando à realidade mundana da gestão da casa, o pai mergulhou as mãos na cesta que pousara na mesa.

“Já vai, já vai...”

Pôs-se a cantarolar canções portuguesas da sua juventude, sempre alegre e efusivo, e tirou enfim da cesta as famosas alheiras da dona Rute, a velha judia que fugira de Trás-os-Montes com a família e que lhes fazia frequentemente as refeições. Miguel distribuiu a comida pelos pratos de todos e a seguir depositou na mesa um punhado de laranjas do Algarve adquiridas pela sua empresa de importação de fruta portuguesa.

“Hoje é enfardar até rebentar”, recomendou, fazendo sinal aos filhos para começarem a comer. “O renascimento do nosso Portugal tem de ser comemorado em grande.”

“A Inquisição vai acabar, pai?”

Miguel respondeu com um esgar cético.

“Isso já não sei. O que sei é que, se arrumarmos os espanhóis de vez, poderemos finalmente reatar relações comerciais com a nossa pátria amada.”

“Mas, pai, nós já compramos fruta a Portugal...”

Era verdade, sabiam todos. A Espanha tinha declarado um bloqueio ao comércio com os Países Baixos, mas os funcionários portugueses, a quem agradava tudo o que irritasse os espanhóis, faziam vista grossa à proibição do comércio com os neerlandeses e sobretudo com os portugueses de Amesterdão, bastando para tal uma intermediação alemã, inglesa ou francesa que salvaguardasse as aparências. O comércio entre os Países Baixos e o Brasil prosseguira graças à colaboração dos comerciantes portugueses, em cujo nome os neerlandeses haviam colocado

os seus navios e produtos, tendo sempre os portugueses respeitado os seus verdadeiros proprietários apesar de os papéis legais dizerem o contrário. Os funcionários portugueses chegavam a alertar os neerlandeses sempre que os seus bens eram ameaçados pelos espanhóis.

“Comprávamos às escondidas, Bentinho. Mas agora será tudo às claras. Há que comemorar!”

Ao ver o pai tão bem-disposto, Bento percebeu que se abria uma inesperada janela de oportunidade para esclarecer o assunto que havia alguns dias tanto o perturbava. O pequeno dispunha de uma mente inquisitiva e gostava de entender tudo ao pormenor, incluindo a causa das coisas, mas tinha noção de que nem sempre o pai estava disponível para lhe responder. Normalmente isso levava-o a retrair-se, pois não gostava de agitar as águas. Havia que manter a *shalom bayis*, a paz no lar. Mas naquele momento o ambiente mostrava-se propício. Precisava era de ser sagaz na maneira como abordaria o assunto.

Deixou o almoço correr por alguns momentos, com o pai a saborear em voz alta a proclamação da independência de Portugal em relação a Espanha e a deleitar-se com o bom vinho que abria para festejar a ocasião. Quando o entusiasmo pareceu acalmar, o que sucedeu na altura em que chegaram às laranjas, jogou a sua cartada.

“A mamã conhecia aquele senhor?”

A pergunta foi formulada como se lhe tivesse acabado de ocorrer. Não entendendo a questão no contexto da restauração da independência de Portugal, Miguel devolveu-lhe uma careta de incompreensão.

“Qual senhor?”

“O que proferiu as blasfémias e a quem no outro dia foi anulado o *cherem* na esnoga.”

Ao perceber de quem o filho falava, Miguel fechou o rosto.

“Ah, o Uriel da Costa. O que tem ele?”

“Na esnoga ele disse que se chamava Gabriel...”

“Sim, mas todos o conhecem por Uriel. Porque estás agora a falar nesse desgraçado?”

Sentindo a sensibilidade do assunto, o pequeno fingiu apenas um vago interesse no assunto.

“O pai disse que a família dele se dava com a mamã...”

“Dava-se com a família da mamã”, corrigiu o pai, enfatizando a palavra *família*. “Deus quis que os Garcês e os Costas se conhecessem dos tempos em que viviam no Porto.”

“Se as nossas famílias eram próximas, se calhar não o devíamos ter pisado...”

O chefe da família hesitou. Normalmente não falaria daqueles assuntos com os filhos, eram demasiado pequenos para poderem entender as coisas do mundo, mas a alegria pela independência de Portugal e os efeitos do vinho baixaram-lhe a guarda. Se o rapaz queria perceber o que se passara na sinagoga, porque não esclarecê-lo?

“O Uriel ofendeu Deus bendito e, com a graça de Amonai, Nosso Senhor, teve de mostrar arrependimento e enfrentar a punição adequada à dimensão dos seus pecados para que o *cherem* lhe pudesse ser anulado”, explicou o pai. “Pisámo-lo porque foi essa a ordem dos senhores do *maamad*, em obediência à vontade de Deus. Foi até do interesse do Uriel, se queres que te diga, pois permitiu que fosse perdoado e reintegrado na Nação.”

Fingindo-se apenas vagamente interessado no assunto que por esses dias dominava todas as conversas entre os *yehidim*, dado que o sucedido pouco tempo antes na sinagoga alimentava muito parlatório entre os portugueses de Amesterdão, o mais vivaço dos filhos de Miguel deu uma trincadela distraída na alheira que lhe coubera em sorte.

“Lá na escola, um colega contou-me coisas do senhor Uriel”, disse com a descontração de quem tecia considerações mundanas sobre o estado do tempo. “Parece que ele falou contra o Talmude.”

O Talmude, o livro da lei judaica, expunha a lei oral que regulava as cerimónias rabínicas e a própria vida diária da comunidade, servindo de base para todos os códigos legais dos judeus.

“O Uriel é parvo.”

“Como se pode falar contra o Talmude, pai?”

O olhar de Miguel desviou-se para a janela como se procurasse aí forma de responder à pergunta. O Houtgracht, que cortava a meio o bairro português de Amesterdão com as belas fachadas das casas

alinhas ao longo das duas margens do canal, estava nessa altura sem tráfego. Do outro lado do canal era visível o Antwerpen, o nome por que todos conheciam o edifício que durante anos albergara a sinagoga da Bet Jacob, a velha congregação frequentada pelos Espinosas e durante tanto tempo liderada pelo prestigiado *chacham* Saul Levi Morteira. A Bet Jacob fundira-se dois anos antes com outras duas congregações e reunia-se agora numa única sinagoga, situada a apenas algumas centenas de metros de distância e chefiada pelo mesmo *chacham* Morteira, agora na qualidade de rabino chefe de toda a comunidade. Fora de resto aí que ocorrera dias antes a dramática anulação do *cherem* de Uriel da Costa.

“O Uriel nasceu católico e durante algum tempo até foi tesoureiro da Igreja”, contou. “O pai dele também era católico, mas a mãe conversa, graças a Deus.”

O filho fez uma careta.

“A dona Sara... conversava?”

A pergunta arrancou um sorriso a Miguel; só uma criança poderia fazer uma confusão daquelas.

“Conversa significa que era judia e converteu-se, ou foi convertida, ao catolicismo”, explicou. “Nas terras da idolatria, como Portugal e Espanha, não se pode ser judeu, como vocês sabem. Portanto, fomos todos convertidos à força. A mãe do Uriel também. Chamam-nos por isso conversos. Ou cristãos-novos. Ou marranos. Só que a dona Sara continuou a ser judia no coração, percebes? Com a ajuda de Adonai, o Misericordioso, convenceu os filhos a regressarem em segredo à verdadeira fé, incluindo o Uriel. Com medo da Inquisição, acabaram todos por fugir para aqui e foi aqui que, com a graça de Deus, encontraram proteção. Apenas o pai, um aristocrata cristão do Porto, ficou lá a adorar as estátuas e os santos e toda essa idolatria pagã de que os católicos tanto gostam.”

“Se o senhor Uriel é judeu, como pôde ele falar contra o Talmude?”

“O Uriel viveu toda a sua vida entre cristãos e, quando com a ajuda de Deus retornou à verdadeira fé, julgava que o judaísmo era só a Tora com as leis de Moisés. Não sabia que havia uma série de regras

estabelecidas na lei oral pelos sábios e pelos rabinos. Quando chegou aqui e foi confrontado com elas, reagiu mal. Disse que uma coisa era a lei absoluta de Deus, outra as invenções dos sábios e dos rabinos que eram totalmente alheias à lei divina enunciada por Moisés.”

Bento alçou um sobrolho; era a primeira vez que ouvia falar em tal coisa.

“A lei oral do Talmude é uma invenção?”

“Foi o que ele disse, o blasfemo. A circuncisão, os filactérios, os *tallitot*... tudo invenções que nada têm a ver com a lei de Deus. O Uriel entrou em heresia completa, claro. O que eu acho é que ele ficou desiludido com as práticas que encontrou aqui em Amesterdão. Chamou à nossa comunidade uma seita chefiada por fariseus e outros disparates que tais, vê lá tu! Até escreveu um livro maldito, um pedaço de lixo intitulado *Propostas contra a Tradição*. Assentou mal a toda a gente, como é bom de ver. Ninguém estava disposto a aturar esta mão-cheia de blasfêmias ofensivas a Deus.”

“Foi por isso que lhe decretaram o *cherem*?”

“Por isso... e por coisas piores.”

O pai calou-se, como se o resto fosse tão terrível que nem sequer podia ser dito.